

**A batalha das Termópilas:  
Uma arena para debate sobre alguns aspectos da estratégia.**

Milton Genésio de Brito <sup>1</sup>

**Resumo:** A proposta neste trabalho é o debate sobre alguns dos aspectos a serem ponderados na definição de uma estratégia de combate. A guerra moderna difere substancialmente da sua congênera na Antiguidade. Entretanto, ainda podemos considerar alguns de seus parâmetros como fatores fundamentais na elaboração de procedimentos que resultem em uma relação mais adequada entre recursos e objetivos. Tomamos como base para análise o caso da batalha das Termópilas travada no ano de 480 a.C. entre guerreiros do império Persa e de algumas das cidades-estado helênicas – combate apresentado tanto na narrativa herodotiana como nas rememorações midiáticas com acentuado teor de embate entre padrões culturais diferentes. A magnitude dos efetivos persas, tanto terrestres quanto navais, a disparidade numérica entre os contendores, a seqüência de eventualidades ocorridas foram alguns dos diversos fatores que transformaram uma previsível derrota tática das forças helênicas, que passaria despercebida no contexto da guerra em uma vitória estratégica rememorada de maneira recorrente.

**Palavras-chave:** Estratégia – Aspectos – Batalha das Termópilas.

A história enquanto forma de análise e de reflexão que se interessa não apenas pelo que os homens pensam, mas, sobretudo pelo que fazem, “nasceu” durante o período clássico da civilização grega, entre os séculos V e IV a.C. Estruturada nas narrativas de Heródoto, Tucídides e Xenofonte <sup>2</sup>, e relacionada à temática da guerra <sup>3</sup> que, na abordagem de Garland (1991, p.12), era o único “assunto digno de memória” em um período no qual se ampliava e se diversificava a documentação escrita.

Analisar atualmente a história pelo aspecto bélico não significa enfocar os militares enquanto categoria social, apenas fazendo-lhes apologia. Muito menos remeter-se somente a uma seqüência de fatos manipulados por historiadores militares “profissionais” e

---

<sup>1</sup> Servidor da SEJU-PR, Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania do Paraná, Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup> Em relação a estes três historiógrafos gregos, pode-se declarar que, Heródoto definiu um estilo e um sentido para o gênero histórico, Tucídides procurou imprimir-lhe determinados caracteres como imparcialidade e sobriedade, e Xenofonte uma objetividade sem artifícios que “dinamizou” a narrativa.

<sup>3</sup> Seja referindo-se ao desdobramento de operações militares, seja atendo-se a tensa política externa entre as cidades-estado gregas ou mais raramente a política interna quando envolvia o risco de guerra civil (*stásis*).

que não suscitem reflexão, como ressalva Ferraz (2003, p.620). Significa antes a possibilidade de explorar a própria dinâmica social, considerados os militares como parte integrante da sociedade.

Entretanto, no Brasil, estudos sobre história militar, ou temáticas relacionadas ao emprego da *manu militari*, ainda provocam desconforto em ambos os lados de um pressuposto diálogo acadêmico: o de quem se dedica a tais problemáticas; e o de quem critica a validade destas pesquisas. Essa reticência talvez persista em razão das sombras do período dos governos militares, ainda recente e potencializado na memória de muitos dos que o vivenciaram.

O fenômeno militar não é algo de caráter periférico ou patológico, mas uma tendência inerente às sociedades que estabeleceram uma correlação variável, porém contínua, entre o desempenho das funções militares e políticas de seus membros. Este aspecto foi ressaltado por diversos pensadores clássicos que permeiam o pensamento ocidental - Garlan (1994, p.72) faz referência a Platão e Aristóteles, além dos historiadores anteriormente citados. A estrutura militar reflete ainda aspectos econômicos e culturais da forma de organização de um agrupamento humano, independente de suas dimensões.

Subestimar a atuação de quaisquer desses fatores na análise empreendida sobre o organismo militar significa deturpar uma interpretação que pode ser profícua para o entendimento de sua complexidade e de seu papel na sociedade. E, neste sentido, para a perspectiva proposta é fundamental também a argumentação de Matloff (1982, p.421) sobre a primazia do contexto.

Segundo Proença Junior (1994, p.3), no mesmo sentido, imprescindível também para ponderarmos sobre a dimensão militar é considerar as opções de uma dada força de combate no que concerne aos aspectos logístico (organização, movimentação e abastecimento), tático (ações específicas de combate) e estratégico (emprego da tropa para a obtenção de determinados objetivos) para avaliar sua capacidade operacional. Estes aspectos interagem constituindo um modo de atuação, com especificidades e potencialidades de desempenho, limitado pelo ambiente geográfico.

### **Estratégias de combate: personagens diferentes, erros similares.**

A fonte que utilizamos para este trabalho é o livro VII da obra do historiador grego Heródoto intitulada “História” e escrita no século V a.C., algumas décadas após os acontecimentos por ele relatados.

O principal foco de tensão que se desdobrou na rememorada batalha entre as forças de Xerxes e os contingentes gregos capitaneados por Esparta pode ser situado, como relata Liddell Hart (2005, p.30-32), na frustrada tentativa de invasão da cidade-estado de Atenas organizada por Dario I, “Rei dos Reis”, governante do Império Persa.

Atenas e Erétria, cidade-estado situada no centro da ilha de Eubéia ao norte da Ática, foram acusada de ter incentivado revoltas em colônias jônias tributárias dos persas, localizadas na Ásia Menor.

Entretanto, segundo Levi (1996, 129), estas rebeliões teriam sido fomentadas por Aristágoras, governador de Mileto em nome de Dário, como reação ao fracasso de seu plano de conquistar a insular Naxos as ilhas próximas e as cidades mercantis da Eubéia. Conforme Keegan (2006, p.327), as insurreições iniciaram-se em 499 a.C. e foram debeladas em 494 a.C. A resistência da cidade-estado de Mileto foi vencida em batalha naval no ano de 493 a.C. e os sobreviventes foram escravizados e enviados para a Mesopotâmia.

Em 490 a.C., uma expedição com aproximada 50.000 homens foi organizada pelo “rei dos medos e persas”. Transportada em uma frota de 300 navios comandada por Datis um dos conselheiros de Dário (SALLES, 2008, p.185), a força atacante atravessou o Egeu, dominando muitas ilhas no trajeto. Pelo efetivo constituído, conjecturamos que Dario I considerava expressivas do ponto de vista militar as cidades-estado helênicas. A força reunida foi mais que suficiente para destruir Erétria e atuar na deportação dos sobreviventes para o interior do Império como escravos. Restava então Atenas.

Ao invés de marchar diretamente para a cidade helênica, Dario I utilizou-se de outra estratégia. Ordenou o desembarque de parte do seu contingente, vinte mil infantes e cinco mil cavaleiros,<sup>4</sup> na planície litorânea próxima a cidade de Maratona, menos de sessenta quilômetros a norte-nordeste de Atenas, no intuito de atrair o exército ateniense para o combate.

Na segunda fase da incursão, a outra parte de sua força de ataque desembarcaria em Falero, localizada ao sul de Atenas, próxima do porto do Pireu, investindo sobre a pressupostamente desprotegida Atenas, completando a operação.

Tal estratégia teria por objetivo evitar uma operação de cerco à cidade, que poderia se prolongar demasiado, e simultaneamente criar a tensão necessária para a atuação de seus partidários no governo ateniense, que intentavam tomar o poder.

---

<sup>4</sup> Os números referentes a esta batalha foram extraídos do *link* “The battle of Marathon, 490 BC”. Parte do projeto “Warfare in Hellas”, disponível em: <http://monolith.dnsalias.org/~marsares/warfare/battle/marathon.html>. Acessado em maio de 2007.

Entretanto, o general ateniense Milcíades, no comando de 9.600 hoplitas, aproveitou-se da superioridade técnica e de armamentos dos seus soldados, que lhes conferia uma nítida vantagem em relação às tropas persas, e da posição geográfica em que o inimigo se encontrava<sup>5</sup> e realizou uma rápida investida contra uma indecisa força persa.<sup>6</sup>

A ausência de sentinelas persas facilitou a aproximação do grupamento de hoplitas atenienses que, com o apoio de outro grupamento da cidade-estado de Platéia, aguardou a cavalaria inimiga se afastar para dar de beber aos animais e percorreu rapidamente a distância de cerca de uma milha que os separava do adversário (SALLES, 2008, p.185). Pressionados pelo movimento convergente dos gregos que rompeu a ligação entre o centro e as alas, desorganizados e sem espaço para manobras, os soldados persas que não conseguiram regressar às naus ou fugir para o pântano sofreram baixas na proporção de 30:1, além de terem muitos de seus navios incendiados.

Os hoplitas, sem o auxílio de tropas auxiliares de infantaria ligeira, arqueiros ou cavalaria, se expuseram deliberadamente ao risco de ser cercado pelos persas. Porém, se tivessem seguido o seu ritual de batalha, pelo menos no que se referente a preparar a formação de combate, a sua derrota para os persas poderia ter fatalmente ocorrido. Tal constatação pode ser um indicio de que fatores culturais não tivessem relevância na formulação da estratégia de combate, pelo menos contra povos não-helênicos.

A tática empregada pelos gregos que resultou na vitória fez uso de dois axiomas recorrentes na guerra moderna, velocidade e poder de choque. E esta é a primeira da série de considerações sobre os aspectos da estratégia que faremos: sobre a necessidade de uma força de rápido emprego com alto poder de mobilidade e de armamento.

---

<sup>5</sup> Estacionados em uma estreita faixa de praia na foz do rio Charadra, os persas tinham a esquerda um terreno elevado e a direita uma área pantanosa, que limitou a via de ataque e eliminou a vantagem de sua superioridade numérica.

<sup>6</sup> Podemos cogitar que a hesitação dos persas se deu devido à pressuposição de que os gregos seguiriam os parâmetros do seu modo de guerrear, e desse modo poderiam antecipar os desdobramentos táticos da batalha. Segundo Garland (1994, p.50-59), a guerra campal (*pólemos*) entre hoplitas mantinha um caráter ritualizado e acordado entre os beligerantes, desenvolvendo-se segundo a observância de determinadas regras como a declaração formal de guerra e o respeito a santuários e arautos. Então, um local normalmente plano era previamente escolhido. Cada etapa era acompanhada de oferendas que incluíam competições atléticas (*agón*) e sacrifícios preliminares. Na batalha (*mákhe*), os adversários se perfilavam e cada lado procurava intimidar o oponente. Os vãos entre as formações de um exército eram preenchidos por contingentes de tropas ligeiras e cavalerianos, deixando pouco espaço para manobras laterais e tornando o choque frontal inevitável. O avanço dava-se obliquamente à direita, vencendo quem provocasse a ruptura e a desarticulação da formação inimiga, com uma posterior e breve caçada aos fugitivos, limitando a amplitude do conflito. Terminado o combate, o vencedor entoava cânticos a Dioniso e Apolo, erguia no local um troféu com as armas apreendidas do inimigo e permitia a este retirar seus mortos e regressar para casa. A refrega na maioria das vezes ocorria durante a estação do Verão após a colheita, produzia-se em poucas horas, e raramente se estendia, minimizando as perdas de efetivos.

Garantida esta vitória, os atenienses retornaram rapidamente a sua cidade. Seu regresso surpreendeu os partidários de Dario I e ocasionou a reavaliação dos planos da força atacante embarcada comandada por Datis, que aguardava próxima a cidade de Falero, quanto aos custos de uma inevitável operação de sítio à Atenas. Feitas as estimativas, os persas retornaram a Ásia Menor.

De acordo com Keegan (2006, p.327-328), os espartanos que se comprometeram a auxiliar os atenienses no embate em Maratona, assim que terminassem as festividades de um ritual religioso em curso, censuraram-se “amargamente” por sua omissão na batalha que ampliou a influência política de Atenas entre as demais cidades gregas.

O perigo não foi eliminado, mas somente em 487 a.C. os atenienses resolveram despender mais recursos, advindos de suas minas de prata em Laurion no sul da Ática, na construção de naus para aumentar sua frota de combate – cerca de 200 trirremes, segundo Salles (2008, p.185).

Todavia, a motivação inicial para esta ampliação do poderio naval teria sido um conflito “interno” ao mundo grego - a disputa com a cidade insular de Egina, localizada ao sul do litoral ateniense.

Quando tomou conhecimento da derrota de suas tropas, Dario I teria manifestado a intenção de realizar uma segunda e maior ofensiva, conforme Heródoto (História, VII, 1). De acordo com suas ordens, depois da batalha de Maratona, durante três anos contingentes e recursos foram preparados para o ataque que teria se efetivado em 486 a.C. se não tivesse principiado uma insurreição na província do Egito. No ano seguinte ocorreu a morte de Dario I.

Seu filho Xerxes assumiu o governo e deu continuidade a campanha de contra-insurgência, até reconquistar o Egito em 484 a.C., e impor aos rebelados uma rígida servidão (HERÓDOTO, História, VII, 7) para os padrões persas, pois durante a dinastia Arquemênida o Império Persa constituiu uma unidade no sentido político-administrativo, mas multifacetado culturalmente. Os costumes locais eram respeitados, e a língua ou a religião persa (zoroastrismo) não foram impostas, sendo o aramaico utilizado como a língua franca em todo o império.

Dar prosseguimento a incursão contra as grandes cidades-estado helênicas no continente europeu não fazia inicialmente parte dos planos de Xerxes (HERÓDOTO, História, VII, 5-6). Entretanto, seu primo Mardônios, que objetivava receber o governo desses possíveis novos domínios, enfatizou o perigo de deixar impune o comportamento insurreto dos gregos. O único que se opôs abertamente aos seus argumentos foi Artábanos, tio paterno

de Xerxes, que conjeturou sobre os riscos logísticos de uma desnecessária e precipitada expedição militar contra povos na periferia do Império (História, VII, 10). Hesitante entre ambas as arguições, Xerxes somente se decidiu pela invasão após várias noites nas quais foi exortado por uma “aparição” ao ataque, de acordo com Heródoto (História, VII, 5-6) – seria uma intervenção de Mardônios, o principal interessado?

A partir de então, ainda durante o ano de 484 a.C. e até o Outono de 481 a.C., Xerxes empenhou esforços na organização e na preparação de sua grande força de incursão, conforme Keegan (2006, p.328), inclusive fazendo uma aliança com Cartago, potência militar e econômica do Mediterrâneo ocidental, para assegurar a sua neutralidade. Todas as forças que deveriam ser arregimentadas nos diversos pontos do Império receberam ordens de convergirem para Sardis, na Ásia Menor, e lá aguardarem para o início da invasão.

Quanto à qualidade dos efetivos combatentes reunidos, estes incluíam os persas, considerados como melhores cavaleiros do mundo mediterrâneo, e uma infantaria aguerrida, recrutada entre populações montanhesas do planalto da Anatólia. Porém, uma série de dificuldades logísticas apresentava-se para o deslocamento de tropas heterogêneas quando consideradas em termos de línguas, costumes e armamentos.<sup>7</sup>

Nesse ponto enfatizamos um segundo aspecto: sobre a validade da utilização conjunta de unidades consideradas de elite em determinado contexto, sem planejamento técnico e logístico, e a necessária disponibilidade de condições para seu emprego como no caso a topografia grega que, se auxiliava no manejo da infantaria anatólia, dificultava a movimentação tática da cavalaria persa.

As notícias do avanço de um gigantesco exército persa<sup>8</sup> no final do Inverno, na perspectiva de Hatzfeld (1967, p.134), fizeram com que interesses particulares eclodissem

---

<sup>7</sup> Segundo a descrição feita por Heródoto, o exército de Xerxes era uma amalgama composta por dezenas de “povos” nas tropas de Infantaria, além da guarda real, nas de cavalaria, e nas tripulações das naus de combate guarnecidas por soldados que exerciam a função de Infantaria naval (*epibátai*). Isso sem considerarmos a adesão de muitas das populações dos territórios no trajeto da força persa que ordenadas a oferecer viveres às tropas também foram recrutadas para servir na expedição como integrantes do exército ou da frota. Dificuldade similar, pressupomos, deve ter afetado muitas vezes o desempenho das tropas de diversas nacionalidades sob o comando de norte-americanos e britânicos no teatro de operações europeu durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>8</sup> Na análise dos efetivos descritos por Heródoto devemos considerar que era de Halicarnaso, cidade da Ásia Menor fundada pelos dórios, portanto ligada etnicamente aos espartanos. Nesse sentido, até que ponto o seu relato estaria provido de um caráter apologético, que supervalorizou o potencial combativo dos gregos diante de uma força atacante que talvez não fosse tão descomunal?

Porém, as abordagens dos que têm utilizado como fonte a narrativa de Heródoto, colocam em questão apenas o contingente total de combatentes do exército persa, mais de dois milhões de homens, além dos seus serviços em igual ou maior medida. Quase não se questiona a quantidade de naus da frota atacante e suas respectivas tripulações; o efetivo dos “imortais” da guarda real; ou, os cinco mil e duzentos hoplitas, relacionados sob o comando dos espartanos. Pressupomos que uma força persa de tal magnitude, em sua organização e posterior deslocamento, ocasionou um relevante impacto na economia do período, o que, segundo as fontes utilizadas neste artigo, não foi um fator a considerar para corroborar a validade ou não dos números de Heródoto.

e muitas cidades-estado gregas mais diretamente ameaçadas procuraram firmar tratados de paz ou de submissão.

A dificuldade na movimentação dos contingentes pelos aproximadamente seiscentos quilômetros entre o estreito do Helesponto e o desfiladeiro das Termópilas em cerca de três meses foi outro fator ressaltado por Hatzfeld. O aprovisionamento viu-se dificultado pela escassez de alimentos no norte da Grécia para o imenso exército, e pela carência de rotas para circulação, obrigando-o a dependência do abastecimento por via marítima. Esta vinculação tornava os navios de transporte da frota persa, cerca de 3.000, os protagonistas na invasão, deixando as 1.200 naus de guerra um papel secundário (p.133-134).

Esta perspectiva de Hatzfeld dialoga com os estudos de Liddell Hart (2005, p.32) para quem a topografia do terreno oferecia a possibilidade de os helenos terem previsto não somente a “direção obrigatória” do provável ataque inimigo, como também uma série de posições nas quais poderiam barrar a trajetória de seu deslocamento.

Todavia, antes de analisarmos aspectos militares da batalha no desfiladeiro das Termópilas, outros dois vieses precisam ser também ponderados: o modo de guerrear hoplítico e a estrutura social da cidade-estado de Esparta, “protagonista” da ação herodotiana.

### **A modificação em um escudo: cultura material ou *ethos* político?**

Segundo Mossé (1989, p.141-142), o modo de guerra dos hoplitas, conhecido no período clássico, começou a ser constituído a partir do século XI a.C. com a substituição gradativa do bronze pelo ferro na fabricação dos armamentos.

Nos dois séculos seguintes se completou a elaboração da panóplia hoplítica – o conjunto de armamentos constituído pelas grevas para proteção das pernas, o elmo estilo coríntio de cimeira em “ferradura”, o peitoral de bronze e o escudo circular (*hóplon*), que se tornou emblemático e deu o nome de hoplitas a categoria de guerreiro gregos.

A panóplia tinha um custo considerável, conforme Dawson (1999, p.90), o que significava que apenas quem dispusesse de recursos suficientes poderia adquiri-la – no caso das sociedades gregas arcaicas, isso representava a participação de somente um terço da população, os pequenos agricultores proprietários de terra. A posse desse equipamento e o envolvimento nos combates e deveres militares, que no período homérico tinham o caráter de disputa territorial simbólica, garantiam não apenas prestígio social <sup>9</sup>, mas também

---

<sup>9</sup> Este pode ter sido um dos fatores da recusa, durante um prolongado período, em ceder espaço à participação de tropas auxiliares como arqueiros e fundeiros, dotadas de menos recursos, e a reduzida participação da Cavalaria nos combates, esta representante dos grandes proprietários.

legitimavam a participação desses indivíduos no corpo político, conferindo-lhes o status de cidadãos (*polítês*).

Sobre o caráter ritual desses combates, descrito anteriormente, Dawson (1999, p.99) analisou ainda que para os gregos uma guerra somente poderia ser considerada legítima (*nómimos*) e decente (*kalós*) se motivada por uma injúria, fosse ela baseada no uso da violência ou na espoliação de algum bem material. Nesse aspecto, a diferença entre os combates descritos por Homero e os do período clássico é que naqueles a ofensa maior era basicamente contra a figura do rei (*basileús*), enquanto nestes a integridade do corpo de cidadãos (*pólis*) não poderia ser violada.<sup>10</sup>

No final do século VIII a.C., o escudo que dispunha apenas de uma empunhadura central (*pórpax*) recebeu uma segunda (*antilabê*), o que conferiu maior firmeza. Esta modificação no equipamento aparentemente simples, de acordo com Garlan (1994, p.58-61), resultou que o escudo, fixado então no antebraço esquerdo, tornou o guerreiro dependente do companheiro à direita que deveria assegurar a defesa do flanco no qual manejava uma lança de aproximadamente três metros ou uma espada curta, suas armas de ataque.

Para que a formação de combate funcionasse adequadamente era necessária uma disposição do efetivo em retângulo cerrado (*phálanx*), de largura maior que a profundidade de fileiras. A densidade desse grupamento resultava em um dispositivo tático com alto poder de choque, mas dotado de reduzida manobrabilidade, o que dificultava a perseguição do inimigo e a realização de táticas de cerco, pois o efetivo não poderia ser dividido por questão de segurança recíproca. Essa disposição, direcionada para uma estratégia ofensiva de resposta rápida, também reduzia o número de vítimas.

Conforme a interpretação de Dawson (1999, p.87-98), esta estrutura conflitou inicialmente com os combates singulares narrados na “Ilíada” por Homero e que constituíram um ideário no qual se valorizava as figuras de guerreiros que agiam individualmente, acometidos de uma “embriaguez” ou “cólera” (*lýssa*), e buscavam apenas a honra e a glória pessoais sem considerações sobre as necessidades de seu grupo. A implicação mais direta da adoção da nova formação de combate foi a sujeição paulatina do cidadão-soldado aos interesses da coletividade através de uma disciplina moral pautada no domínio de si (*sophrosýne*).

---

<sup>10</sup> A guerra entre os gregos foi gradativamente perdendo o seu caráter de ritual simbólico, que tinha a princípio como um fim em si mesmo. Transmigrou o seu centro de gravidade para tornar-se um meio, sobretudo, um conjunto de práticas que tiveram destacada participação na economia e na política do período helenístico como a atividade mercenária, a apreensão de prisioneiros para escravização e a captação de recursos através de saques, segundo Garlan (1991).



A importância da guerra, e de ações correlatas, na cultura grega arcaica e clássica pode ser percebida, de acordo com Funari (2006, p.22), no seu léxico, que estava permeado de expressões recorrentes a situações de conflito armado.

Argumentamos que o *ethos* hoplítico, baseado na demonstração de valor (*aretè*) através da coragem (*andreía*)<sup>11</sup> dentro de um “*esprit de corps*”, teria fundamentado um “militarismo cívico”, e, se espreado nas diversas instâncias do corpo social, modificando o modo de pensar e as práticas sociais dos gregos.<sup>12</sup>

### **Esparta, potência militar: vocação ou necessidade?**

O filósofo Platão, seus discípulos Xenofonte e Aristóteles, ou historiadores como Políbio e Plutarco procuraram descrever através de suas obras a organização social e o modo de vida dos espartanos. E através de escritos de Platão como a “República” é possível cogitar o desdobramento do modelo de sua estrutura política, capitaneada por uma pequena elite com amplo poder decisório e que disponha de um eficiente instrumento de coerção social, permeando-se na cultura ocidental.

Em Esparta, a organização social, militar e política pressupunham a propriedade coletiva do solo para os considerados como cidadãos (*spartiátes*). E para ter acesso e integrar o corpo de cidadãos (*hómoioi*) duas condições eram necessárias: ser o futuro cidadão qualificado pelo nascimento de pai e mãe espartanos livres,<sup>13</sup> e posteriormente inscrito na comunidade, o que implicava a aceitação das leis e costumes (*nómoi*), inclusive da forma de educação; e ter a posse familiar de um lote de terra (*kléros*)<sup>14</sup> de aproximadamente trinta hectares atribuído pelo Estado e definido por lei como inalienável e indivisível. Este lote, que pertencia ao primogênito ou na ausência deste retornava a propriedade estatal, era cultivado por escravos que deveriam fornecer anualmente pelo menos um terço da colheita, o que garantia ao possuidor do lote os recursos necessários para seus deveres - a sua equipagem

---

<sup>11</sup> Coragem que significava não mais a ação irrefletida e desordenada dos tempos homéricos, mas a capacidade de manter-se firme na posição designada diante do perigo. Embora, hipoteticamente, em ambos os casos estivessem presentes o desprendimento em relação à comodidade e segurança pessoais e o destemor frente ao risco de morte iminente, cientes ou não.

<sup>12</sup> Pressupomos que, na interação entre os aspectos econômico, militar e político nas cidades-estado helênicas, uma formação militar com maior número de integrantes teria legitimado formas de governo isonômicas, democráticas ou no mínimo mais participativas, pela própria necessidade de cooperação recíproca, enquanto uma formação mais reduzida conduziria a um corpo político mais fechado, aristocrático e até oligárquico.

<sup>13</sup> Caso a criança nascesse com deficiências físicas o infanticídio era considerado legítimo, pois o seu valor social consistia principalmente no potencial combativo.

<sup>14</sup> Este lote, que pertencia ao primogênito ou na ausência deste retornava a propriedade estatal, era cultivado por escravos que deveriam fornecer anualmente pelo menos um terço da colheita, o que garantia ao possuidor do lote os recursos necessários para o cumprimento de seus deveres - a sua equipagem hoplítica e a contribuição (*syssition*) para as refeições comunais (*phidítia*), hábito instituído que, cogitamos, criaria vínculos além da dependência econômica -, e para a manutenção dos direitos de seu estatuto social.

hoplítica, a contribuição para as refeições comunais (*syssítion*) -, e para a manutenção dos direitos de seu estatuto social.

Porém, existiam outras categorias sociais: filhos ilegítimos de pais espartanos (*móthakes*), libertos (*neodamódes*) e estrangeiros (*períoikos*) com autonomia para exercerem atividades como comércio, artesanato, pesca e agricultura que asseguravam a produção material, e que constituíam contingentes auxiliares nas batalhas. Todos designados como “lacedemônios”, habitantes da Lacônia, mas privados de direitos políticos. Além destes, havia ainda numerosos escravos pertencentes ao Estado (*heilôtes*), encarregados de cultivar os lotes, e também segmentados.<sup>15</sup>

Devido talvez à sua reduzida população detentora de direitos<sup>16</sup> diante dos demais segmentos sociais, se não hostis pelo menos insatisfeitos com a estrutura centralizada de poder decisório na sociedade espartana, a “vocação” militar para o cidadão teria se transformado em imperativo, e a educação do futuro guerreiro fundamental.

A partir dos sete anos as crianças eram retiradas do lar paterno e agrupadas em rebanhos (*agélai*), que posteriormente integravam unidades militares (*ilai*), sob o comando do jovem que demonstrasse maior capacidade de liderança (*eirénos*), permanecendo nestes agrupamentos até os doze anos. Na adolescência eram-lhes impostas numerosas tarefas e ocupações que exigiam responsabilidade para disciplinar a arrogância e a insolência que os espartanos consideravam como naturais dessa faixa etária. Eram instituídas gradativamente provas de resistência e combates simulados, enfatizando principalmente a astúcia (*apátê*). O descumprimento das obrigações implicava em sanções sociais e castigos físicos.

Ao final do seu período de “avaliação” os melhores em termos de desempenho eram selecionados para passar por um rito de iniciação (*kryptéia*): enviados durante o inverno para os extremos do território lacedemônio, sem provisões e munidos apenas de uma faca, tinham de realizar escaramuças e evitarem ser vistos, caçando ou roubando à noite para se alimentar. O regresso somente ocorreria depois de matar um

---

<sup>15</sup> Entre os escravos havia os encarregados dos serviços domésticos (*paratréphonos*), os nascidos na terra cultivada (*móthones*) e as crianças estrangeiras adotadas (*tróphimos*).

<sup>16</sup> Tucídides e Xenofonte apresentam diferentes quadros quanto à possível forma de organização do exército espartano. O único ponto em comum entre ambos é a concepção de que as unidades militares básicas dos espartanos se articulavam de modo binário ou quaternário se comparadas às estruturas de base decimal do exército e da frota persa descritas nos relatos herodotianos. Ambas as perspectivas demonstram a constituição de um reduzido efetivo militar, o que implicaria em uma diminuta população de “cidadãos” em relação ao contingente populacional dos servos, devido talvez aos conflitos em que se envolveu a sociedade espartana, entre 3.580 e 4.608 hoplitas.

Os dados foram extraídos do link “The Spartan hoplite”, integrante do projeto “Warfare in Hellas” e disponíveis no site: [http://monolith.dnsalias.org/~marsares/warfare/army/s\\_hoplit.html](http://monolith.dnsalias.org/~marsares/warfare/army/s_hoplit.html), Acessado em maio de 2007.

potencial inimigo - algum animal selvagem ou mais comumente um escravo considerado perigoso-, então como homem para tomar seu lugar entre os demais guerreiros.

Os três mais hábeis dos que passavam pelo ritual (*kryptói*) eram escolhidos pelos éforos como comandantes de grupamentos de cavalaria (*hippagrétai*), constituídos de trezentos homens cada, que formavam a guarda real em tempo de guerra ou atuavam como uma “força policial” em tempos de paz.<sup>17</sup>

### **A batalha das “Portas Quentes”:**

As ações que Heródoto descreveu como ocorridas no desfiladeiro das Termópilas, dentro de uma perspectiva estritamente objetiva, resultaram em uma derrota em termos táticos, mas estrategicamente significaram uma vitória política.

Ao tomarem conhecimento do avanço do exército inimigo, os gregos realizaram um congresso próximo ao istmo de Corinto, que reuniu representantes de trinta e uma cidades-estado, no qual foi estabelecida uma aliança militar (*symmakhía*) para defesa contra o ataque persa. Embaixadas que foram enviadas a pontos estratégicos como as ilhas de Creta a sudeste, Corfu a noroeste, e Siracusa a oeste<sup>18</sup> fracassaram. Outras cidades, como Argos a cerca de oitenta quilômetros ao norte de Esparta que ainda rememorava a derrota para os soldados lacedemônios, declararam sua neutralidade no conflito. Porém, de acordo com Levi (1996, p.133), outras cidades apesar da rivalidade, como a insular Egina, se reconciliaram com Atenas, integrando-se a sua frota.

A relevância obtida por Atenas, após a vitória em Maratona, e o apoio de cidades do Peloponeso, garantiu-lhe a autoridade política necessária para definir a estratégia de defesa contra Xerxes. Caberia a Esparta o envio de uma força expedicionária antes que se iniciassem as comemorações da Carneia, festival em homenagem ao deus Apolo realizada na segunda metade do mês de agosto, durante o novilúnio, na qual se proibia qualquer deslocamento de tropas ou declaração de guerra. Os seus soldados deveriam seguir para a região da Tessália ao norte e manter lá posição, retendo o avanço dos persas, enquanto a frota comandada pelo ateniense Temístocles investiria contra as naus inimigas.

---

<sup>17</sup> Garlan (1994, p.64) e Mireaux (s/d, p. 114-115) descrevem com maiores detalhes este aspecto.

<sup>18</sup> A cidade de Siracusa, no sul da ilha da Sicília, segundo Heródoto (História, VII, 153-163), era governada pelo tirano Gélon e dispunha de uma marinha e um exército significativos, além da capacidade de fornecer trigo aos demais gregos enquanto durasse a guerra. Porém, a condição imposta para auxiliá-los foi considerada absurda: tornar-se o comandante-em-chefe de todas as forças terrestres ou navais. Os espartanos não cederam o comando terrestre e muito menos os atenienses entregaram-lhe o controle da frota. Porém, a neutralidade de Gélon não foi total, pois teria enviado a Delfos três naus carregadas com grandes somas e ofertas de vassalagem que deveriam aguardar para, caso o exército de Xerxes vencesse e ocupasse toda a Grécia meridional, presentear o rei persa em nome de si e de seus domínios. Entretanto, o real motivo de imposição da cláusula teria sido a iminência de um conflito no mediterrâneo ocidental no qual Siracusa necessitaria de todas as suas forças.

Outro aspecto que consideramos importante ressaltar é sobre a quem caberia definir a estratégia a ser adotada. O que deveria ser mais relevante na definição? Seriam as considerações técnicas ou o exercício da influência política? Observados de uma perspectiva atual a participação da esfera política demonstrou ser preponderante na determinação das ações a seguir.

Leônidas I, que assumiu a realeza de maneira imprevista, foi escolhido para liderar a expedição militar. Além de ser mais velho que Cleômbrotos, o último dos filhos ainda vivos do antigo rei Anaxandrides II (560-520 a.C.), contava a seu favor o fato de ser casado com Gorgó, filha de seu falecido irmão Cleomenes I (520-490 a.C.). Descrita por Heródoto (História, VII, 239) pela sua astúcia, teria sido Gorgó que descobriu o estratagema para informar aos lacedemônios sobre a incursão persa, elaborado por Demáratos<sup>19</sup>.

Durante o seu trajeto para o norte o contingente espartano foi arregimentando hoplitas de várias cidades - incluindo os da cidade de Tebas a noroeste de Atenas, coagidos a auxiliá-los, conforme Heródoto (História, VII, 205), para demonstrar que não tinham medo. Mensageiros foram enviados às localidades para informar que este efetivo representava apenas a pequena vanguarda de um exército, a se reunir posteriormente, e que nada deveriam recear, pois o mar estava sob o domínio das naus atenienses e eginetas.

O quarto aspecto essencial na nossa perspectiva é sobre a atuação de combatentes coagidos a se arregimentar como o foram os tebanos. Poderiam soldados sob esta circunstância ter o mesmo valor tático de outros que optassem em participar dos combates por escolha própria. E, além disso, devemos conjecturar também se tal participação ocorreria caso os hoplitas tivessem conhecimento de que o exército propalado pelos emissários não viria.

Entretanto, desta vez foram os atenienses que recuaram a força principal de defesa para o sul do istmo de Corinto, retendo-a sob pretexto de não deslocá-la durante a realização dos jogos olímpicos, segundo Levi (1996, p.139). Ao seguir o conselho dado pelo macedônio Alêxandros quanto à existência de outras vias de acesso à Tessália e à ineficácia de combater o imenso exército persa em terreno aberto, o destacamento de 10.000 hoplitas enviado por via marítima do Istmo de Corinto após o término do congresso, deixou o vale do rio Tempe, entre a Tessália e a Macedônia ao norte.

Apesar de toda a tecnologia de que dispomos no mundo contemporâneo, as considerações de ordem geográfica sobre o “teatro de operações” não deixaram de ser um aspecto relevante para os estrategistas. Batalhas e guerras no decurso dos séculos foram

---

<sup>19</sup> Ex-rei da dinastia euripôntida de Esparta, que governou entre 515 e 491 a.C. e foi exilado por desobedecer a leis espartanas que Heródoto não especifica, e que estava então a serviço de Xerxes. O próprio Heródoto (História, VII, 239) questionou com que intenções Demáratos teria enviado tal informação aos lacedemônios.

perdidas por exércitos tecnicamente superiores quando seus comandantes omitiram este aspecto no planejamento e na definição de suas estratégias.

Esse recuo estratégico, todavia, de acordo com Heródoto (História, VII, 173-174), custou-lhes a perda do apoio da cavalaria tessália que, vendo sua cidade desamparada pelos aliados e na trajetória de invasão, aderiu às forças de Xerxes.

Cogitamos que o motivo mais plausível deve ter sido a possibilidade de deixar Atenas desguarnecida, como ocorrera durante a batalha em Maratona, pois a população não-combatente da cidade foi evacuada para a ilha de Salamina pela metade da frota que permanecera protegendo o seu litoral.

A outra metade da frota helênica foi enviada ao estreito de Cálcis, na costa leste da ilha da Eubéia. Nos cálculos de Levi (1996:139), cerca de duzentas e oitenta naus se deslocaram com o objetivo de enfrentar a frota persa. Conforme Heródoto (História, VII, 188-191), antes do embate, uma grande tempestade que perdurou por quatro dias teria destruído aproximadamente um terço das naus de combate persas e possivelmente causado uma perda ainda maior nas de transporte, debilitando a esquadra inimiga. Depois do ataque, em agosto de 480 a.C., que infligiu mais perdas a marinha adversária, os atenienses recuaram para o seu território (História, VII, 195).

O sexto aspecto que ponderamos necessário para o planejamento estratégico das operações são as condições climáticas. Mardônios, primo de Xerxes e genro de Dário I, após ter restaurado o domínio persa em cidades insurgentes na Trácia e na Macedônia na sua expedição realizada em 493 a.C., perdeu parte considerável de sua armada durante uma tempestade ocorrida ao largo do promontório de Atos na Macedônia (LEVI, 1996, p.131). Este acontecimento seria o motivo pelo qual Xerxes mandou escavar antecipadamente um canal para o deslocamento sua esquadra através do promontório, antevendo a possibilidade de outra catástrofe natural que acabou por ocorrer em local imprevisto.

No ínterim dos deslocamentos atenienses ocorreu a batalha.

O local definido para a defesa foi na saída do desfiladeiro das Termópilas - uma passagem muito estreita na estrada limitada pelo mar e por uma área pantanosa, dificultando a tentativa de flanqueamento por parte dos persas. A escolha também ocorreu em função da proximidade com a área para onde deveriam ter se deslocado as forças navais gregas, o que facilitaria a comunicação entre ambos os contingentes.

As fontes de águas termais sulfurosas que deram o nome de “portas quentes”, *Thermopylai*, ao desfiladeiro ainda existem, mas o rio *Spêrkeios*, localizado mais ao norte, durante séculos assoreou parte do Golfo de Mália, tornando o estuário uma planície

atualmente transitável que difere do cenário descrito por Heródoto, fato pode ser constatado pela comparação entre antigos mapas do sítio e fotos de satélite.

Quando chegaram neste ponto, os gregos tomaram conhecimento do atalho pelas encostas a oeste do monte Oita e 1.000 hoplitas focídios foram destacados para guardar essa passagem. Outra providência dos defensores foi restaurar a antiga muralha através do desfiladeiro que estava em ruínas. Esta construção fora feita pelo focídios para deter as tentativas de incursão dos tessálios em seu território.

O posicionamento tático para manter a segurança das vias de circulação, e atualmente de suprimentos, de um possível contra-ataque inimigo é o sétimo aspecto que avaliamos como fundamental para a definição de uma estratégia. A manutenção de “corredores” para que o contingente possa se deslocar rapidamente com o mínimo de obstáculo de uma área para outra pode ser decisivo na obtenção da vitória.

A notícia da aproximação do inimigo aconteceu quando o destacamento de reconhecimento da frota invasora com naus rápidas encontrou-se com uma guarda avançada composta de naus helênicas posicionadas ao norte no litoral da Tessália. Heródoto (História, VII, 179-182) descreve a perseguição que se seguiu: uma das naus foi capturada sem dificuldades pelos persas, e um de seus tripulantes foi decapitado como sinal de bom augúrio, sendo os demais tratados como escravos; a segunda ofereceu resistência, principalmente um dos tripulantes que, mesmo ferido continuou a combater - depois de capturado, foi tratado e mostrado com admiração ao exército devido a sua demonstração de bravura; a terceira conseguiu fugir, mas encalhou - seus tripulantes desembarcaram e retornaram para o território aliado.

Devido às condições estratégicas do local escolhido, Leônidas talvez cogitasse que poderia atuar como força de vanguarda pelo tempo necessário a chegada de mais contingentes. Porém, deveria estar ciente de que, apesar de ter enviado mensageiros solicitando auxílio, somente receberia reforços dos aliados após o termino dos jogos.

Até a possibilidade de retirarem-se dali para o Peloponeso foi conjeturada, mas tal proposta foi rejeitada pelos contingentes locais de focídios e lócrios, conforme Heródoto (História, VII, 207). Durante a deliberação sobre qual decisão tomar um observador persa aproximou-se da posição grega e avistou apenas o pequeno efetivo de hoplitas lacedemônios postados do lado externo da muralha em atividades habituais, que teriam percebido a sua presença, mas permitiram o seu regresso sem persegui-lo.

O despreparo do batedor persa para a ação de reconhecimento, e talvez também o receio de ser descoberto pelos hoplitas posicionados fora da muralha, fez com que

efetuasse uma observação equivocada da situação e considerasse que apenas o contingente identificado representasse a totalidade das tropas existentes no local. Este reconhecimento ineficiente implicou na subestimação da capacidade combativa grega e nos conseqüentes revezes sofridos pelos atacantes. Podemos conjecturar ainda sobre a percepção ou não dos lacedemônios e seu posicionamento como tática de contra-informação para iludir o adversário. O oitavo aspecto que consideramos prioritário na definição estratégica é a preparação adequada dos combatentes encarregados de realizar operações de reconhecimento, pois a consistência de seus informes tende a influir nas ações adotadas, assim como o papel da contra-informação como fator tático na dissimulação perante o adversário.

Xerxes foi informado sobre tais fatos. Não acreditou nas descrições de Demáratos quanto à postura “destemida” dos lacedemônios em combate, porém, decidiu aguardar por quatro dias para que os gregos, diante da visão de seu enorme exército, abandonassem a passagem. Ao início do quinto dia, como nada se alterou, ordenou o ataque.

A protelação de Xerxes em ordenar o ataque contrapõe-se ao nono aspecto ao qual damos ênfase: a necessidade de rápida execução das operações quando da decisão de quais operações deverão ser realizadas. A demora tende a ter custos tanto em termos de recursos, com um maior empenho logístico, quanto de pessoal, gerando ansiedade, desmotivação e descomprometimento da tropa.

Heródoto (História, VII, 210-211) faz referência ao exíguo espaço para combate que eliminava a vantagem numérica dos persas; a superioridade da “blindagem” e dos armamentos dos gregos; assim como a sua habilidade tática.

O impacto da formação hoplítica, que analisamos anteriormente, relacionasse ao décimo aspecto a se destacar: o treinamento e o equipamento como diferenciais na condução das campanhas. Em igualdade de condições técnicas, a superioridade numérica dos persas teria de antemão definido o curso dos acontecimentos.

Sucessivas “cargas” de guerreiros medos foram repelidas ou sofreram grande número de baixas nos embates que perduraram por todo o primeiro dia de luta. O último recurso dos persas foi substituir os seus efetivos desgastados pela elite da guarda real, os “Imortais”, que apesar de seus ataques mais cerrados também tiveram que recuar – o emprego dessa tática pode ter afetado o próprio desempenho das demais tropas, pois, se os melhores não obtiveram sucesso, como poderiam as tropas regulares conseguir uma vitória.

A utilização da elite das tropas persas em momento inadequado, o empenho dos “imortais”, pressupomos, deve ter ocasionado um impacto na forma dos combatentes, pois, se nem os melhores dentre eles haviam conseguido superar um obstáculo considerado

ínfimo, que poderiam as forças regulares fazer. O décimo primeiro aspecto na definição da estratégia é sobre o emprego das unidades de elite apenas em momentos-chave da batalha para a realização de incursões rápidas e precisas.

Na manhã do dia seguinte, os persas, que ainda não havia percebido que outras tropas se alinhavam atrás da muralha e se alternavam na resistência, acreditando que seus ataques haviam reduzido as defesas gregas, avançaram novamente para depois se retirarem em razão de mais baixas sofridas.

A possibilidade de não conseguir superar esta “barreira humana”, mesmo diante da superioridade numérica de suas forças, pode ter sido uma das reflexões de Xerxes quando Efiáltes, um málio habitante da região, trouxe a informação sobre o atalho, talvez com o intuito de obter alguma recompensa (História, VII, 213-217).

Diante dos acontecimentos desastrosos para a continuidade do avanço persa, tal informação se tornou fundamental. Ao início da noite a guarda real foi destacada para contornar as encostas da montanha. Deveria chegar ao ponto mais alto do caminho pela aurora.

Os persas protegidos pela densa vegetação de carvalhos, existente então, conseguiram se aproximar dos focídios, designados para guardar a trilha, que somente perceberam-nos quando não havia mais a possibilidade de resistir aos atacantes (História, VII, 218). Acuados, se reagruparam ainda mais acima na montanha, por avaliarem que a ofensiva seria direcionada contra eles, e deixaram o caminho aberto ao contingente inimigo. Se o ambiente estreito no desfiladeiro abaixo favoreceu aos gregos, a vegetação nas encostas acima foi benéfica ao avanço dos persas.

Alertados por alguns dos soldados focídios que escaparam do bloqueio, os gregos começaram a deliberar sobre qual o procedimento a adotar: alguns expressaram a necessidade de abandonar a posição que não poderia ser mais sustentada no caso de uma ofensiva persa que acuaria os defensores; outros, possivelmente devido aos consecutivos sucessos em repelir os atacantes, queriam manter-se no local.

De acordo com Heródoto (História, VII, 219-222), Leônidas ordenou a dispersão dos agrupamentos aliados que rumaram para suas respectivas cidades, talvez antevendo a possibilidade de divergência ou de desordenamento da tropa durante o iminente combate, pois muitos optaram pela retirada.

O décimo segundo e último aspecto que ressaltamos é sobre a consistência das coalizões formadas para a realização de determinada ação bélica. A necessidade de considerar que os aliados do momento podem mudar de orientação e objetivos, e se tornarem



possíveis adversários, tende a não ser considerada pelos responsáveis pela definição da estratégia que muitas vezes adotam uma perspectiva de curto ou médio prazo.

Dos efetivos iniciais apenas dois grupos permaneceram com os espartanos, os téspios voluntariamente e os tebanos como reféns. Antes do início da batalha, os contingentes desses grupos eram de 700 e 400 hoplitas respectivamente.

Um ponto não esclarecido na narrativa herodotiana, e que presumimos não lhe interessava esclarecer, é sobre a possível participação ou não de tropas auxiliares dos espartanos, compostas normalmente por estrangeiros e escravos, nos combates que se seguiram. Algumas vezes Heródoto usa o termo “lacedemônios” e faz menção a presença de “hilotas”, ou seja escravos (História, VII, 222), em outras se refere a “espartanos”. A primeira expressão, pressupomos, implica participantes não relatados.

Premidos entre duas forças em movimento convergente, os defensores gregos deixaram o ponto mais estreito do desfiladeiro e avançaram contra os persas (História, VII, 225). Mesmo pressionados a avançar por seus comandantes os guerreiros persas, ao rememorarem os acontecimentos dos dias anteriores, recuaram de modo desordenado, o que potencializou a capacidade destrutiva da força hoplita. Nos embates que se seguiram entre os inúmeros mortos estavam Leônidas e dois dos irmãos de Xerxes.

A disputa pelo cadáver de Leônidas, considerado como um troféu pelos persas, e as sucessivas vezes em que estes foram repelidos no campo de batalha foi enfatizada por Heródoto. Diante da aproximação da guarda real os helenos retornaram a parte mais estreita do desfiladeiro, atrás da muralha. Neste recuo, os tebanos, livres do controle espartano, fugiram em direção aos persas com o intuito de se renderem, bradando que foram coagidos a lutar (História, VII, 233). Alguns pereceram quando estavam ao alcance dos arqueiros, antes de poderem se entregar. Os sobreviventes, por ordem de Xerxes, foram marcados a ferro, inclusive seu comandante Leontiades.

O último movimento da ofensiva persa se deu quando os hoplitas, ao tentarem se defender com as armas que ainda dispunham e sem a proteção da muralha, semidestruída pelos consecutivos ataques, foram cercados e alvejados de ambos os lados.

Após suas tropas eliminarem a resistência grega no desfiladeiro, Xerxes ordenou a presença de Demáratos e quis saber sua opinião em relação a qual estratégia empregar no combate ao exército capitaneado por espartanos. Conforme a narrativa de Heródoto (História, VII, 234-237), Demáratos sugeriu que a frota persa tomasse a ilha de Cítera e a partir dela fustigasse o litoral da Lacônia região onde se localizava a cidade de Esparta. Diante da ameaça ao seu território os espartanos priorizariam sua segurança em

detrimento dos demais aliados. Porém, Acaimenes, que era o comandante da frota persa e irmão de Xerxes, expressou o perigo de dividi-la pelas perdas sofridas. Deveria prosseguir em um avanço combinado com as forças terrestres para auxílio recíproco. E foi a sua posição que prevaleceu.

Xerxes também teria ordenado a decapitação do cadáver de Leônidas (História, VII, 238), fato considerado absurdo se analisado pela perspectiva que os persas tinham em relação a atos de coragem extremada, mas que demonstraria o nível de insatisfação do soberano persa no que se refere à resistência dos gregos.

Não é o objetivo deste trabalho a análise dos desdobramentos da batalha. Entretanto, uma breve descrição dos acontecimentos que se seguiram pode ser apropriada.

Vencida a resistência dos gregos nas Termópilas, a investida persa prosseguiu para o sul até chegar a Atenas, então evacuada. Na Acrópole os defensores ainda confrontaram as forças de Xerxes por mais de duas semanas, porém, foram chacinados, seus santuários saqueados e destruídos.

Posteriormente, o ateniense Temístocles instigou a frota persa para uma batalha naval no estreito canal entre a ilha de Salamina e as regiões da Ática e da Samotrácia no continente. A ilha de Psitália na entrada do canal forçou a alteração da formação em linha da numericamente superior esquadra persa para uma disposição em coluna que adentrou o espaço onde as naus atenienses, que estavam posicionadas em “V”, fizeram uso de seus esporões contra o flanco das embarcações inimigas. Esta estratégia contribuiu para a destruição da maior parte do que restara da esquadra oponente.

No ano seguinte, na batalha de Platéia repetiu-se a mesma falta de planejamento dos persas que avançaram contra os gregos posicionados em estreitos vales e foram flanqueados pela cavalaria ateniense. O combate reduziu ainda mais os efetivos dos invasores. Diante das representativas perdas, Xerxes recuou para Sardes na Ásia Menor com cerca de 60.000 homens, o que, de acordo com Levi (1996, p.139), teria demonstrado aos demais gregos a necessidade da resistência – durante décadas quase todos os santuários destruídos foram deixados em ruínas como lembrança do sacrílego ataque persa.

### **Considerações Finais:**

No período denominado como “guerras médicas”, entre os anos de 490 a 479 a.C., quatro grandes batalhas foram travadas em território grego contra as forças do Império Persa, primeiro sob o governo de Dário I, depois sob o de seu filho Xerxes. Nestes combates, apesar da superioridade numérica, a forma de condução das forças atacantes demonstra que a capacidade de planejamento das ações era uma característica inexistente

dentre as possíveis habilidades de seus comandantes. Apenas uma vitória a um custo demasiado elevado marcou sua trajetória.

De maneira recorrente, os chefes militares persas acabaram por se enredar, sendo levados a empregar suas tropas em pelejas nas quais, devido a condições diversas, sua vantagem foi eliminada. Atraídos por escaramuças para armadilhas táticas que potencializaram o grau de letalidade dos hoplitas e naus gregas.

Por esse motivo, a partir da análise das características dessas campanhas, e, sobretudo da batalha das Termópilas, nos propusemos a refletir sobre a contribuição de tais fatos para a definição de uma estratégia de combate contemporânea, exposta a partir de doze de seus aspectos, que poderíamos desdobrar em uma abordagem mais ampla.

Deveria ser redundante enfatizar a necessidade imperativa de tropas de rápido emprego e que dispusessem de alto poder de mobilidade e de armamento para a realização eficiente de suas atividades, principalmente no ambiente atual, no qual a velocidade é fator constituinte. Porém, considerações políticas, como a pressuposta definição dos aliados, tendem a determinar as decisões dos responsáveis pela condução da estratégia que raramente se desdobra para além de uma perspectiva de médio prazo.

No cálculo das considerações, aspectos técnicos como os de ordem climática, geográfica, logística ou de posicionamento tático; ou ainda humanos como a motivação psicológica, a preparação e a utilização adequada de cada uma das categorias dos efetivos combatentes em determinado contexto, apresentam no mais das vezes uma relevância secundária.

A argumentação elaborada também teve o sentido de demonstrar que a *manu militari* não é um fenômeno anômalo na dinâmica social, mas está permeado e “legitimado” por diversas instâncias, sejam elas culturais, econômicas ou políticas. Não se restringe à utilização explícita de força ou do poder de coerção, mas se dissimula, se permeia e se sustenta em segmentos e setores sociais pouco perceptíveis.

Podemos considerar a coalizão entre a propriedade dos meios de produção e as instituições políticas como o “centro de gravidade” da sociedade atual.

Contudo, sem o estreito comprometimento e utilização de instrumentos de coerção do corpo social, representados pelo judiciário e pelos organismos policiais e militares, encarregados de vigiar e punir condutas “desviantes”; ou de mecanismos de produção, manipulação, controle e transmissão de informações - como os sistemas educativo, religioso e midiático -, toda a estrutura de dominação e as formas de legitimação deste controle pode se desarticular. E nesse sentido, para compreender a constituição e a dinâmica de uma dada

forma de organização social em sua complexidade é necessário considerar também a maneira como a estratégia de atuação de seus contingentes militares é elaborada.

### **Referências Bibliográficas:**

DAWSON, D. 1999. “A guerra grega” In: \_\_\_\_\_. *As Origens da Guerra no Ocidente: militarismo e moralidade no mundo antigo*. Tradução de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora. (Biblioteca do Exército Editora; 679. Coleção General Benício; v.348).

FERRAZ, F.C.A. 2003. “História Militar e história social” In: *I Seminário Internacional de História*, UEM/CCH/DHI, p.620-628, out. CD-ROM.

FUNARI, P. P. A. 1996. “Guerra do Peloponeso” In: MAGNOLI, D. *História das guerras*. São Paulo: Contexto.

GARLAN, Y. 1991. “Introdução” In: \_\_\_\_\_. *Guerra e economia na Grécia antiga*. Tradução de Cláudio César Santoro. Campinas: Papirus.

GARLAN, Y. 1994. “O homem e a guerra” in: VERNANT, J-P. (org.) *O homem grego*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença. (O homem e a história; 4).

HATZFELD, J. 1967. “La grande invasion de Xerxès” In: \_\_\_\_\_. *Histoire de la Grèce Ancienne*. Paris : Éditions Payot. (Petite Bibliothèque Payot ; 5).

HERÓDOTO. 1985. “Livro VII: Polimnia” In: \_\_\_\_\_. *História*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília. (Coleção Biblioteca Clássica UNB; 8).

KEEGAN, J. 2006. *Uma história da guerra*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras. (Companhia de Bolso).

LEVI, P. 1996. *Grécia: berço de Ocidente*. Volume II. Tradução de Ana Berhan da Costa. Rio de Janeiro: Edições del Prado. (Grandes Impérios e Civilizações).

LIDDELL HART, B.H. 2005. *As grandes guerras da história*. Tradução Aydano Arruda. 6ª edição. São Paulo: Ibrasa – Instituição Brasileira de Difusão Cultural Limitada.

MATLOFF, M. 1982. “A natureza e o escopo da história militar” In: WEIGLEY, R. (org.). *Novas dimensões da história militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, Volume II, p. 421-443. (Biblioteca do Exército Editora; 516. Coleção General Benício; Volume 196).

MIREAUX, É. S/d. “Camponeses soldados” In: \_\_\_\_\_. *A vida quotidiana no tempo de Homero*. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andresen. Lisboa: Edições “Livros do Brasil”.

MOSSÉ, C. 1989. “A ‘Revolução’ hoplítica” In: \_\_\_\_\_. *A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo (séc. VIII-VI a.C.)*. Tradução de Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70. (Lugar da História; 35).

PROENÇA JUNIOR, D. 1994. O Fazer da Guerra Moderna: o Corpo-de-Exército como Unidade Operacional – gênese e superação. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.